

GOVERNANÇA CORPORATIVA

RELAÇÕES COM INVESTIDORES

Os méritos e os direitos

Márcio Veríssimo*

Uma notícia triste apareceu nos jornais recentemente, relatando a história de uma mulher doente que dependia do fornecimento de energia elétrica para utilizar aparelhos essenciais para sua vida e cuja energia foi cortada pela concessionária local devido à falta de pagamento.

De fato, parece que esta mulher já constava de um cadastro da empresa de usuários cuja energia não poderia ser cortada sob nenhuma hipótese, indicando um erro, nesse caso fatal, por parte da companhia. Nesse caso, o procedimento é claro: apura-se responsabilidades, a companhia e/ou seus representantes assumem responsabilidade legal e, entre as possíveis penalidades, pagam uma indenização. Mas esse não é o assunto da coluna.

O que eu queria demonstrar é como uma história dessa gera uma abstração cruel na mente de certos leitores. Eles chegam a imaginar os diretores da Coelce confabulando que a vida da doente não vale os duzentos e poucos reais que ela devia e que sua luz deveria ser sumariamente cortada. Uma imagem do próprio capitalismo devorando os pobres.

Ora, mesmo em termos absolutamente "egoístas e capitalistas", a repercussão negativa dessa história "custou" mais do que o dinheiro que ela deixou de pagar. Imaginar dolo nesse incidente atenta contra a própria lógica.

Não se questiona a ineficiência da saúde pública em atendê-la durante as nove horas transcorridas entre o corte de luz e seu falecimento, apenas como a companhia energética precificou uma vida humana como mais barata que uma conta de luz.

Talvez seja uma influência de nossa herança católica, acentuada pela passagem do Papa por aqui, ou simplesmente reflexo de anos de populismo que durante muito tempo dominou e domina a América Latina, mas o fato é que convivemos mal com o capitalismo e isso é muito ruim, principalmente para os mais pobres — ao contrário do que se diz.

A busca do lucro é essencialmente bom para economia, para o país e para os capitalistas e trabalhadores. Alguém consegue imaginar um cenário onde as companhias estão amargando sucessivos prejuízos, negócios estão fechando as portas e, alheios a tudo isso, os trabalhadores estão com pleno emprego e salários em alta? Não conseguiram?

E um cenário onde as empresas estão dando lucros significativos, optando por reinvesti-los em novos negócios, atraindo mais mão-de-obra, reduzindo desemprego e aumentando salários, o que estimula a própria demanda e realimenta o ciclo? Parece mais plausível?

Exatamente por isso que a luta de classes que talvez fosse representativa de um início de capitalismo industrial representa muito mal uma economia onde trabalhadores e capitalistas têm seus interesses ligados e não em contraposição.

Como consultor, já tive a

oportunidade de ver diversas companhias públicas ou concessionárias de serviços públicos ou regulados praticamente pedindo desculpas por seus resultados positivos ao invés de comemorá-los.

Essa cultura brasileira é negativa para o capitalismo local como um todo e, particularmente, para as companhias que buscam o mercado de capitais, onde a necessidade de divulgação de resultados exige que essas companhias ressaltem seus resultados, o que é dificilmente perdoado pela nossa cultura, pela nossa imprensa ou pelo nosso zeitgeist — o espírito de nossa época.

Assim, no Brasil, o próprio conceito de mérito se perde, dentro de uma (i)lógica de suposta igualdade — uma igualdade medíocre, onde não há avanço possível, apenas estagnação.

Somos todos como crianças, incapazes de nos virar sem o paternalismo estatal, o único verdadeiramente justo, por es-

tar livre da chaga de buscar o lucro. Esse paternalismo que nos sufoca e impede nosso crescimento.

Note que a crítica não é ao governo, é a nós, brasileiros e nossa mentalidade anacrônica — inclusive grandes empresários. Quantas vezes você não os vê pedindo um empréstimo do governo, um incentivo fiscal e criticando o lucro de bancos? Ora, se o lucro de bancos é um "lucro fácil", o que impede esses empresários de venderem os seus negócios e abrirem um banco? Talvez assim a competição entre eles reduzisse os juros, não? Na verdade, é apenas uma outra faceta, mais elitizada, do mesmo mal: a nossa busca pela salvação no governo e não em nós mesmos.

* Consultor, especial para Gazeta Mercantil
E-mail: ri@gazetamercantil.com.br

DIVULGAÇÃO EXEMPLAR™ EMPRESAS CERTIFICADAS
NET SERVIÇOS

AGENDA DO INVESTIDOR

	Divulgação de resultados	Teleconferência	Reunião com investidores/analistas		Divulgação de resultados	Teleconferência	Reunião com investidores/analistas
Agra	--	16/5	--	Heringer	--	16/5	--
ALL	--	16/5	18/5	Ideiasnet	--	17/5	--
Anhanguera	--	17/5	--	Iguatemi	--	16/5	--
Banco Pine	--	17/5	--	JHSF	--	16/5	--
Bradespar	--	17/5	--	Lopes	--	16/5	--
Brascan	--	16/5	--	Lupatech	--	17/5	--
CBD	--	16/5	--	Mangels	--	17/5	--
CCR	--	--	16/5	Metalfrio	--	16/5	--
CESP	--	18/5	--	PDG	--	16/5	--
Copasa	--	16/5	--	Profarma	--	--	18/5
Copel	--	17/5	--	Renner	--	--	18/5
Cremer	--	17/5	--	Rossi	--	17/5	--
Cyrela	--	16/5	--	São Carlos	22/5	--	--
Datasul	--	--	17/5	Terna	--	--	16/5
Embraer	--	--	22/5	Wilson Sons	--	17/5	--

Fonte: www.divulgacaoexemplar.com.br